

Corrida de última hora ao shopping

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

As lojas ainda estavam fechadas, mas uma pequena multidão já havia invadido os corredores do shopping Conjunto Nacional — o mais antigo de Brasília. Quando os comerciantes abriram as portas, às 9h, os compradores de última hora tomaram conta das lojas em busca de mais presentes natalinos. Às 10h, apenas uma hora depois da abertura do shopping, estava difícil até caminhar pelos corredores.

Falta de tempo, pesquisa de preços, preguiça. Cada um tinha um bom motivo para deixar as compras para a véspera do Natal. A funcionária Rose Lobato, 33 anos, queria economizar. Durante semanas, procurou o presente pedido pelo sobrinho Luiz, de quatro anos, tentando encontrar o menor preço. Depois de peregrinar por várias lojas, acabou na primeira.

“Agora, vou ter que levar. O valor é praticamente o mesmo em todo canto”, disse, na fila de uma loja de brinquedos, com o boneco do Batman de R\$ 38,90 na mão e a filha Letícia, três anos, na outra. “E o gasto vai ser maior ainda. Não dá para trazer Letícia numa loja sem que ela queira levar alguma coisa”. Sem perda de tempo, a garotinha havia escolhido dois brinquedos maiores do que ela e entrou na fila do caixa, repetindo o bem conhecido refrão infantil: “Eu quero!!!”

A previsão da direção do Conjunto Nacional era de que entre cem mil e 150 mil visitassem o shopping ontem. “O movimento tem sido até 30% maior do que nos dias anteriores ao Natal”, afirmou o gerente de Marketing do local, João Marcos Mesquita.

Para se ter uma idéia do movimento, até a terça-feira, a promoção feita pelo shopping, para o sorteio de um carro, já havia recolhido 350 mil cupons de R\$ 50 cada. No ano

passado, esse número foi atingido em todo o período natalino. “Este ano, esperamos recolher 400 mil cupons até o final do mês, quando acaba a promoção”, previu Mesquita.

FAMÍLIA

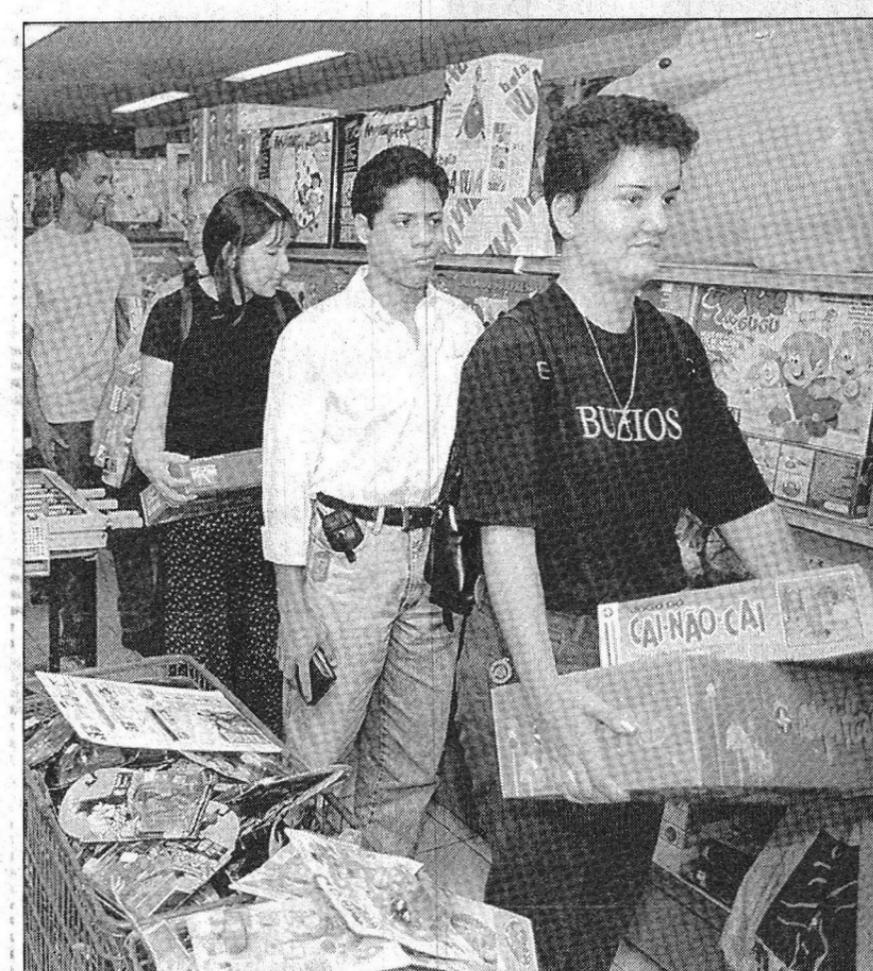
A dona de casa Fernanda Castilho, 49 anos, levou boa parte da família ao shopping, para complementar as compras natalinas. Ao todo, eram cinco adultos e cinco crianças espalhados pelos corredores. “Faltaram dois presentes para os amigos ocultos”, contou Fernanda. Um para ela mesma. O outro para uma amiga, Valeska, 28 anos, que também estava com o grupo.

Para a família Castilho, as compras de última hora não foram uma surpresa nem um problema. “Estavam programadas. Fomos comprando aos poucos e essas ficaram para hoje”, conta Marina Castilho, 50 anos, irmã de Fernanda, que, como os demais, não parecia nem um

pouco perturbada por disputar cada palmo do shopping com tanta gente.

Mas nem todas as lojas receberam tantos clientes no último dia de compras. Enquanto algumas vitrines serviam apenas de diversão para os passantes, em outros pontos, os vendedores mal conseguiam atender todos os consumidores. Era o que acontecia em uma loja de produtos de uma marca conhecida, para adolescentes.

“O Natal aqui começou no início de dezembro”, contava, animado, o gerente da loja, Carlos Peixoto. Ontem, ele previa a entrada de quase quatro mil pessoas no local. No dia 23, quando as lojas ficaram abertas até meia-noite, foram registrados 4.938 clientes. Nem ele sabe explicar direito a preferência do público. “Acho que é a marca e também a loja cheia. Gente chama gente. Procuramos manter os clientes o maior tempo possível aqui dentro”, acredita. Como se eles precisassem se incentivar.



Retardatários: as filas cresceram nas lojas dos shoppings da cidade ontem